



**Título del artículo / Título do artigo:** Relações entre ética burguesa e o esvaziamento da Erfahrung em contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento

**Autor(es):** Bruno Perozzi da Silveira

**Año de publicación / Ano de publicação:** 2014

**DOI:** 10.63314/CRNX4426

### **Citación / Citação**

da Silveira, B. P. (2014). Relações entre ética burguesa e o esvaziamento da Erfahrung em contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 1(1), 53-65.

<https://doi.org/10.63314/CRNX4426>

---





## **Relações entre ética burguesa e o esvaziamento da Erfahrung em contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento**

Bruno Perozzi da Silveira

Mestrado em Educação Escolar pela UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara em fase de conclusão

brunoperozzi@ibest.com.br

Graduação (licenciatura e bacharelado) em Ciências Sociais pela UNESP/ Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Desenvolve pesquisas que se enquadram no campo da Educação Escolar, mais especificamente na área de Filosofia da Educação. Interesse pela Teoria Crítica da sociedade aplicada ao estudo da Educação, em específico a Teoria Crítica de Herbert Marcuse.

### **Resúmen - Resumo - Abstract**

O presente artigo propõe-se a tarefa de realizar alguns breves apontamentos sobre a importância dos conceitos de ética e experiência na Teoria Crítica da sociedade. O caráter de apontamentos advém da vastidão da tarefa. Logo o presente escrito tem como pretensão elaborar algumas reflexões que coloquem em pauta a questão do esvaziamento da experiência em Walter Benjamin, tendo como pano de fundo os contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento (como nos propõe Herbert Marcuse) e a conse-

El presente artículo propone algunos aportes sobre los conceptos de ética y experiencia en la Teoría Crítica de la sociedad. El carácter de aportes, se debe a la amplitud que implica esta tarea. El presente escrito tienen como objetivo elaborar algunas reflexiones que ubiquen la cuestión del vaciamiento de la experiencia en Walter Benjamin, teniendo como antecedente el contexto de unidimensionalidad del pensamiento y del comportamiento (como propone Herbert Marcuse) y la consecuente modificación ética que es determinante en el vaciamiento

In this article we propose demonstrate short reflections about the importance of the concepts of "ethics" and "experience" in the Critical Theory of the society. We affirm that are "short reflections" because of the complexity of the concepts. Of that way, this paper proposes the elaboration of some ideas and interpretations focusing the question of the emptying of the experience in Walter Benjamin, having like backdrop the context of reduction of the thought and of the behavior to one dimension (as proposes Herbert Marcuse). The consequence of this

quente modificação ética que é determinante no esvaziamento da Erfahrung, e em sua transformação gradual em Erlebnis.

de Erfahrung, en su gradual transformación en Erlebnis

“emptying” is a transformation of the ethics that determines the emptying of the Erfahrung and to its gradual transformation in Erlebnis.

Palavras-chave: Teoria Crítica da sociedade, unidimensionalidade do pensamento e do comportamento, experiência, ética, Walter Benjamin, Herbert Marcuse.

Palabras Clave: Teoría crítica de la sociedad, unidimensionalidad del pensamiento y del comportamiento, experiencia, ética, Walter Benjamin, Herbert Marcuse.

Keywords: Critical Theory of the society; unidimensionality of thinking and behavior; ethics; experience; Walter Benjamin; Herbert Marcuse.

Recibido: 18-05-2013

Aceptado: 28-06-2013

#### **Para citar este artículo:**

Silveira, B. P. da. (2014). Relações entre ética burguesa e o esvaziamento da Erfahrung em contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento. *Ixthli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 1(1). 53-65

# Relações entre ética burguesa e o esvaziamento da Erfahrung em contextos de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento

## Introdução:

Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. [...] Em seus edifícios, quadros e narrativas a humanidade se prepara, se necessário, para sobreviver à cultura. E o que é mais importante: ela o faz rindo. Talvez esse riso tenha aqui e ali um som bárbaro. Perfeito. No meio tempo, possa o indivíduo dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros. (BENJAMIN. 1987, p.119)

Este artigo surge como continuidade de certas ideias desenvolvidas nas apresentações e palestras do 2º Congresso Latinoamericano de Filosofía de la Educación, realizado entre 21 e 23 de março de 2013 na Universidad de la República, na cidade de Montevideu, Uruguai.

Neste congresso apresentei um trabalho que tinha como tema o conceito de história em Walter Benjamin e suas possíveis relações com o conceito de história dos autores da chamada História Cultural. Os debates posteriores às apresentações foram sobremaneira frutíferos e diversas discussões surgiram acerca do problema da educação e da filosofia da educação. Nestes debates dois conceitos apareceram em vários momentos e permearam, de certa forma, toda a conversa: A questão da Experiência (e seu progressivo esvaziamento) e da Ética (dentre suas inúmeras facetas). Desta forma, o presente artigo tem como intenção contribuir e continuar com os ricos debates propostos no congresso acima citado.

Portanto, não pretendemos realizar um levantamento aprofundado acerca dos conceitos de ética e experiência, mas tão somente relacioná-los em alguns escritos de autores das primeiras gerações da chamada “Escola de

Frankfurt”. Dessa forma o caminho traçado passará pela crítica da moralidade em Theodor W. Adorno, pelo conceito de experiência em Walter Benjamin e as implicações do esvaziamento da experiência enquanto modificação ética e material em contextos de unidimensionalidade do pensamento, segundo o que analisa Herbert Marcuse.

## **Erfahrung e Erlebnis: Momentos de uma transformação ética**

Após este breve intróito cabe-nos desenvolver algumas reflexões acerca do conceito de experiência, principalmente em Benjamin para que possamos sugerir a proposta central do presente trabalho: refletir sobre o esvaziamento da experiência como uma grande transformação material e ética resultante e integrante do processo de desenvolvimento do capitalismo maduro.

Mesmo que o conceito de experiência seja central na obra de Walter Benjamin, segundo Jeanne Marie Gagnebin, em seu texto “Walter Benjamin ou a história aberta” publicado como prefácio para a segunda edição brasileira da reunião de textos de Benjamin intitulada “Magia e técnica, arte e política” (1987), estes conceitos serão colocados dentro de uma problemática mais ampla somente a partir da década de 1930.

É neste período que Benjamin passa a diferenciar dois tipos específicos de experiência: a “Erfahrung” e a “Erlebnis”. Com essa diferenciação o autor nos coloca frente ao problema do esvaziamento da “Erfahrung” na sociedade capitalista e a conseqüente ampliação e imposição da “Erlebnis”. Ou seja, o problema levantado por Benjamin é de ordem ética e moral, e diz respeito a uma profunda transformação ética que vem ocorrendo de maneira progressiva com o desenvolvimento e imposição total do capitalismo.

Ao contrário do que se possa afirmar não existe contradição, dentro da obra de Benjamin, entre o uso do conceito experiência e o método materialista.

A Erfahrung enquanto conceito central obra benjaminiana deve ser compreendida como parte de sua concepção filosófica e histórica. Assim, ao afirmar no texto sobre o narrador que “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo” (Benjamin, 1887, p.198), Benjamin esta se referindo às profundas transformações no mundo material e ético que vêm ocorrendo com uma rapidez sem precedentes.

Estas pungentes transformações impedem a experiência comunicável, pois retiram, no mundo capitalista moderno, a capacidade do indivíduo comunicar suas experiências, uma vez que esta comunicação exige uma comunidade e um tempo completamente distintos do isolamento e da rapidez do tempo progressivo imposto de maneira totalitária sobre os indivíduos.

Benjamin é insistente ao demonstrar que a *Erfahrung* está intimamente ligada à arte de contar, ou seja, à possibilidade de intercambiar aprendizados e juízos, à capacidade de compartilhar sentimentos e histórias presentes em um mundo rico em comunidade. “Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo destruiu.” (Gagnebin, 1987, P.10). E, mais do que isso, as ações de experiência vêm progressivamente perdendo suas bases materiais e éticas pelo isolamento e pela substituição da experiência comunitária e comunicável pela experiência vivida no isolamento (*Erlebnis*). Dessa forma a *Erfahrung* se esgota ao perder suas bases de memória e tradição comuns, e o “indivíduo isolado, desorientado e desaconselhado (o mesmo adjetivo em alemão ‘ratlos’)” (Gagnebin, 1987, p.10) perde gradativamente a capacidade de comunicar e aprender através da experiência.

Amigos e admiradores de Benjamin, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer também tratam da importância da experiência e da ética ao longo de sua obra.

Apesar de não utilizarem as mesmas categorias de Benjamin, estes autores utilizam-se de uma metáfora curiosa em uma nota presente na *Dialética do Esclarecimento* (2007), denominada “Sobre a Gênese da Burrice”. Nesta, há uma comparação entre a inteligência e as antenas do caracol, que através de sua visão tateante conhece o mundo, podendo se retrair frente a algum perigo, identificando-se, dessa forma, novamente com todo. Assim, a maior liberdade e a existência mais esclarecida dependem do contínuo posicionamento para novas direções, e a manutenção dessas “antenas” no perímetro externo, no extra perimeter.

O problema para os autores reside no fato de que essas antenas atrofiam-se pelo medo e pela repressão das possibilidades e, assim, tendo “sido definitivamente afugentado da direção que queria tomar, o animal torna-se tímido e burro” (Adorno e Horkheimer, p. 239, 2007). Este processo se aproxima da análise que Benjamin faz no texto sobre o narrador (1987) ao alertar sobre a perda de uma faculdade eminentemente humana: a faculdade de intercambiar experiências.

A questão colocada neste famoso texto de Benjamin é o progressivo e incontível agigantamento das forças produtivas sobre o homem ao qual acompanha uma transformação ética sem precedentes que substitui a necessidade de autonomia pela escolha pela heteronomia, a transformação da Razão em uma deformação instrumental. A imposição de uma mixórdia cultural, técnica e científica é erigida acima do “frágil e minúsculo corpo humano” (Benjamin, p.198,1987) de forma tão devastadora que a transmissão da Erfahrung — pela autoridade da velhice ou pelo viajante conhecedor de outras paisagens — desaparece em um contexto onde o pensamento e a ação humana são direcionados para a afluência e a aceitação do sistema social como um todo.

O aparato ideológico e cultural desse sistema social vende um padrão de comportamento que exclui a visão tateante, propagando e propagandeando a retração do conhecimento e a manutenção da inteligência no perímetro do afluente, do impositivamente aceito.

Dessa maneira, as possibilidades de uma experiência comunicável, por sua memória e tradição comuns, sucumbem frente ao avanço da experiência vivida (“Erlebnis”). Assim,

[...] quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie. (Benjamin, p.115, 1987).

Este processo histórico indicado por Benjamin se impõe de forma ampla e espetacular e, portanto, mais aterrorizante. Dilacera as “antenas de caracol” da inteligência (para retomarmos a metáfora de Adorno), impossibilita o intercâmbio de experiências, e sobre essa cicatriz dolorosa a “nova barbárie” começa a afundar suas raízes.

Algumas questões emergem ao nos depararmos com o problema do esvaziamento da experiência. A análise crítica da profunda transformação material e ética é pressuposto para pensarmos sobre o esvaziamento da experiência. A constatação do esvaziamento do que é humano, essa imposição sem precedentes de uma “vida danificada” deve ser vértice de uma análise da sociedade que se proponha compreender historicamente os limites do que é dado. A transformação material, apesar de se apresentar espetacularmente com toda sua grandeza, deve ser compreendida enquanto imposição histórica, enquanto

desumanização pela razão técnica, que opera através da totalitarização do aparato produtivo que amplia e determina não apenas

as habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. [...] a tecnologia serve para instituir formas novas, mais eficazes e mais agradáveis de controle e coesão social. [...] Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não pode mais ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas. (Marcuse, 1979, p. 18 e 19)

A constatação portanto do caráter de dominação da sociedade tecnológica deve ser relacionada de maneira dialética ao processo de transformação ética que acompanha, determina e é determinada pela transformação material. Assim, quando nos deparamos com as constatações dos autores da teoria crítica da sociedade devemos estar cientes de que o processo de dominação tecnológica, que se desenvolve desde a chamada acumulação primitiva, com uma rapidez sem precedentes, acompanha uma transformação ética de mesma proporção.

A compreensão que temos de ética hoje tem suas raízes na antiguidade clássica, principalmente, e de maneira mais sistematizada, na filosofia pós-socrática. Assim, os questionamentos sobre o ethos, ou seja, sobre os comportamentos e as virtudes dos cidadãos, passam a ter centralidade em Sócrates, mas são sistematizados de fato por Aristóteles. Neste, a ética está intimamente relacionada à vida pública:

Podemos então, sumariamente, destacar alguns elementos: a vida virtuosa é racional, implica a educação da vontade em conformidade com os princípios racionais da moderação e, finalmente, está fundamentalmente ligada à política, uma vez que o homem é definido como animal político e sua conduta ética tem expressão na polis e a partir dela é julgada. É na sociedade - na polis - que os homens podem alcançar o bem supremo: a felicidade. Ética e política são inseparáveis. (Maia, 1998, p.6 )

Esse entrelaçamento entre ética e política, tendo como base a virtude e a razão é marcante nos escritos aristotélicos. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles desenvolve com clareza sua compreensão de ética. Para ele a ética esta relacionada à razão prática, ou seja, à razão que delibera, interfere e

transforma a pólis, a razão com uma finalidade, um telos definível. A ética é portanto atributo do sujeito que age segundo um fim, é diferente da razão teórica, pois só pode existir no mundo prático, no mundo da pólis. Dessa maneira, afirma Maia (1998)

Dizer que a ética refere-se à práxis significa que o sujeito que pensa e age, a ação praticada e a finalidade do agir (telos) são inseparáveis. [...]

A conduta ética afirma, assim, a independência e a autodeterminação do sujeito face à vontade alheia e às suas próprias paixões. Entregar-se a outrem para satisfazer seus desejos é ignóbil, assim como entregar-se a suas próprias paixões, pois nesses casos o sujeito não escolhe autonomamente.

A razão reta guia a excelência moral e esta é uma disposição para escolher o meio termo adquirida, tal qual a aprendizagem de uma arte, pela repetição dos atos em conformidade com ela. A virtude, portanto, é uma força de caráter, pois é a vontade “treinada”, pela mediação da razão, para a conduta virtuosa. (p.6)

Essa concepção de ética desenvolvida por Aristóteles representa o auge da racionalidade da cultura helênica. Porém, esta perspectiva relacionada à práxis é progressivamente substituída pela ética individualista burguesa desde Hobbes, o que restringe a ética a um campo específico da filosofia, substituindo-a pelo individualismo e pelo instinto de conservação individual. A concepção mecânica e maquinal da ação humana restringe as possibilidades de uma compreensão ética teleológica, virtuosa e racional. Em um mundo de guerra de todos contra todos, é a resignação e a heteronomia escolhida que mantém a coesão social.

Kant tenta recuperar a Razão enquanto pressuposto ético, e mais do que isso, tenta retomar a questão da autonomia frente à heteronomia propagandeada desde Hobbes. Porém o abismo entre o sujeito ético kantiano e a ampliação galopante da heteronomia, desde o princípio da modernidade, sob o argumento da necessidade de coesão social, demonstram as contradições de se pensar em uma ética relacionada à práxis em condições históricas e materiais distintas das do cidadão grego.

Ou seja, ao pensar na questão da autonomia em um momento histórico já avançadamente burguês as colocações de Kant dizem respeito à possibili-

dades ilusórias frente ao esvaziamento da experiência e da ética relacionada à práxis. Dessa forma, Kant

[...] também contribui, ao afirmar a possibilidade de autonomia do sujeito - sem considerar as condições objetivas - e a comunhão entre seus interesses e os interesses da sociedade através da razão, para a constituição de uma idéia de indivíduo condizente com o mundo burguês. Segundo Adorno e Horkheimer (1991), os conceitos kantianos são ambíguos, isto é, expressam uma contradição dada para o indivíduo burguês. (MAIA, 1998, p.8)

A autonomia se esvazia de seu sentido clássico, daquele demonstrado por Aristóteles, dentro da filosofia kantiana. Do mesmo modo que a emancipação pela razão torna-se mera especulação, uma vez que na ética burguesa a razão é instrumental e reproduz incessantemente a heteronomia.

Essa brutalidade contra a liberdade e contra a autonomia é a base maior da grande transformação ética que vem ocorrendo desde os primórdios do capitalismo. Tal transformação é parte integrante e determinante do processo de transformação material. Assim o esvaziamento da experiência comunitária (Erfahrung), e sua progressiva substituição pela experiência individual (Erlebniz) desenvolve-se e se amplia com o processo de Revolução industrial, tornando-se totalitária no homem unidimensional.

Neste processo, a memória e a tradição comuns, e a comunidade de vida e discurso são esvaziados de sentido. O indivíduo isolado é refém de suas experiências prescritas por uma forma de domínio material e ético que Herbert Marcuse denominou como unidimensionalidade do pensamento e da ação. Este conceito é apresentado por Marcuse em uma obra publicada pela primeira vez em 1964 cujo título é traduzido na edição brasileira por “A ideologia da sociedade industrial. O homem unidimensional” (1979).

Para o autor na sociedade industrial desenvolvida o aparato produtivo e suas mercadorias e serviços acabam por impor um sistema social de maneira total.

Os produtos doutrina e manipulam, promovem uma falsa consciência que é imune a sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior números de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida — muito melhor do que antes — e, como

um bom estilo de vida milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de pensamento e comportamento unidimensionais no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. (Marcuse, p. 32, 1979 grifo nosso).

Dessa maneira, a ideologia da sociedade industrial acaba por produzir sua criatura mais acabada, sua mercadoria mais valiosa e desumanizada, esvaziada de experiência, de consciência e de objetivos que possam questionar o universo estabelecido: o homem unidimensional.

O homem unidimensional é o produto ideológico por excelência da sociedade capitalista moderna (a sociedade industrial avançada, nos termos de Marcuse). É seu exemplo ético mais óbvio, o ápice de um processo que separa e esvazia ética de sua referência prática.

No homem unidimensional a experiência comunicável, oriunda da comunidade entre vida e palavra, é impedida pelo esvaziamento da comunidade da experiência no nível ético e pela criação e satisfação de falsas necessidades — “satisfação repressiva”.

A Erfahrung é pressuposto para libertação e para o reconhecimento das necessidades verídicas: aquelas que designam condições objetivas para a satisfação universal das necessidades vitais, além da progressiva suavização da labuta e da pobreza. Porém, no homem unidimensional, reduzido ao pequeno espaço da experiência vivida, da Erlebniz, ocorre uma progressiva anulação das necessidades que exigem a libertação e a superação dessa mesma sociedade.

A imensa gama de escolhas abertas ao indivíduo não demonstra a ampliação e riqueza da experiência, porquanto o fator decisivo seja o que é disponibilizado para a escolha dos indivíduos, e o que é de fato escolhido e comunicado por estes. Assim: “A livre escolha entre ampla variedade de mercadoria e serviços não significa liberdade se esses serviços e mercadorias sustentam os controles sociais sobre uma vida de labuta e temor — isto é sustentam a alienação.” (Marcuse, p.28, 1979).

O indivíduo acaba por se identificar e comunicar somente a experiência que lhe é imposta, e mais do que isso: acaba por tomá-la para si, reconhecendo-a enquanto experiência livre e comunicável, única e cheia de sentido.

As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, hi-fi, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu. (Marcuse, p.29-30, 1979)

A educação sofre desse mesmo esvaziamento de sentido. A prática educativa, o pensar sobre a educação pressupõe uma experiência comunicável, pressupõe um compromisso ético, estético e político. Neste sentido a filosofia da educação parece cada vez mais desprovida de seus elementos centrais de experiência e comunicação. A perspectiva crítica sobre o processo de esvaziamento da Erfahrung, a compreensão histórica da ascensão da ética burguesa, e do esvaziamento de seu sentido prático são, de diversas formas, caros a uma perspectiva filosófica sobre a educação. Chega-se o momento em que desenvolver uma filosofia da educação passa a ter como pressuposto e condição uma perspectiva crítica sobre o processo de esvaziamento conceitual, ético e da experiência. Desenvolver Teoria Crítica sobre educação passa a ser o primeiro passo para pensarmos em uma educação para emancipação. A filosofia da educação, desse modo, não deve se furtar a questionar e demonstrar os limites do conhecimento em um contexto de unidimensionalidade do pensamento e do comportamento. Do mesmo modo é imprescindível a demonstração de perspectivas e caminhos outros, que não só neguem, mas demonstrem possibilidades que se encontram esvaziadas de sentido. Pensando dessa forma, torna-se essencial à Filosofia da Educação, ao filósofo que tem como objeto a educação, a dialética entre o pessimismo (quanto aos limites do conhecimento em tal contexto) e a utopia (quanto à necessidade vital de pensarmos caminhos diferentes e novos para que possamos quebrar com o eterno retorno da barbárie), é necessário que a filosofia da educação se assente sobre o terreno da crítica aprofundada, para que se possa propor esperança aos desesperançados (como nos cita Marcuse, utilizando-se das palavras de Walter Benjamin, ao fechar sua obra: A Ideologia da Sociedade industrial. O homem unidimensional (1979))

## Conclusões

Esta é a pobreza da qual Benjamin se lamentava; a transformação sem precedentes que anuncia uma nova barbárie, a transformação material e ética, em que a nossa sociedade, com a produção e a distribuição em massa, ancorada e justificada por um amplo projeto ideológico e exaltada pela indústria cultural, exige o indivíduo por inteiro, seu passado, seu presente e

seu futuro. A dimensão “interior” do indivíduo — dimensão que é distinta e até mesmo antagônica às exigências externas — apresenta-se invadida ou, como coloca Marcuse, “introjetada” pela realidade tecnológica. A experiência como comunidade entre a vida e discurso, como a ponte curta entre a memória e o cotidiano, desaparece na experiência vazia.

A Erlebniz, a forma de experiência do homem unidimensional, é compartilhada, imposta e reproduzida pelo “pequeno grupo dos poderosos, que sabe Deus não são mais humanos que os outros, na maioria barbáros, mas não no bom sentido” (Benjamin, 1987, p.119). É aqui que o progresso da alienação torna-se inteiramente objetivo; no momento em que o indivíduo alienado é completamente absorvido por sua existência alienada, quando já não encontra espaço para a oposição, quando o “poder crítico da Razão” é transformado em neurose e impotência, e frente à grande e irreprimível produtividade do todo, é reduzido à condição de irracional e no triunfo da ética individualista, toda experiência deixa de ser comunicável.

Frente a essa perspectiva pessimista e as conclusões oriundas de uma Filosofia da Educação que se coloque enquanto crítica torna-se necessário a proposição de novos caminhos, de novas possibilidades em um mundo que prega sua reprodução como o futuro único, como única possibilidade. O caráter utópico e esperançoso são armas contra o resumo das possibilidades. O papel de uma Filosofia da Educação que promova a possibilidade de uma educação para emancipação, que retome o sentido humano da ética, que desenvolva espaços e tempos para a experiência comunicável é central dentro da Teoria Crítica. A dialética entre pessimismo e utopia deve movimentar e descortinar as possibilidades que se encontram suprimidas em nosso tempo. Os meios de realizar essa utopia devem ser construídos neste processo, em conjunto, de tal modo que possamos entender a educação enquanto caminho e fim para a autonomia e a emancipação.

## Referências:

Adorno, T. W. E Horkheimer, M. (2007). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Benjamin, W. (1987). *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Brasília: Ed. Brasiliense.

Gagnebin, J. M. (1987). Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Brasília: Ed. Brasiliense.

Maia, A. F. (1988). Apontamentos sobre ética e individualidade a partir da Mínima Moralia. *Psicol. USP*, São Paulo. 9, (2). doi: 10.1590/S0103-65641998000200006.

Marcuse, H. (1979). *A ideologia da Sociedade industrial. O homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores.